

COMO O CAPÍTULO “VEI, A SOL” ESTÁ RELACIONADO AO
DESFECHO DE *MACUNAÍMA*?

Cláudio Luiz MENEGHIN JÚNIOR
(Orientador): Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas BERRIEL

RESUMO: Este trabalho é o resultado do estudo sobre a obra *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931])¹ desenvolvido na disciplina de graduação do segundo semestre de 2008, TL 438-A “Tópicos em Literatura Brasileira: Movimentos III” Turma: “A” ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel. O autor deste trabalho estabeleceu o recorte: “Como o capítulo “*Vei, a Sol*” está relacionado ao desfecho de *Macunaíma*?” e, a partir deste recorte, procedeu-se à análise da obra levando-se em consideração a manifestação da influência do pensamento do intelectual Prado (1981 [1926]) sobre Andrade (1977 [1931], pp. 83-91) ao escrever o capítulo “*Vei, a Sol*” que integra *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931]).

Palavras-chaves: Literatura Brasileira; Mário de Andrade; Paulo Prado; *Macunaíma*.

Considerações Preliminares.

Para uma explicitação sobre o projeto andradiano com a obra *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931]) começar-se-á pelo título: “*Macunaíma* o herói sem nenhum caráter”. Mas o que significa caráter? Em prefácio, que não chegou a ser publicado junto com o texto, o autor explicita o que considera como caráter:

“O que me interessou por *Macunaíma* foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros. Ora depois de pelear muito verifiquei uma coisa que me parece certa: o brasileiro não tem caráter. [...] E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez entendo a realidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior na língua na História na andadura (sic) tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional (ANDRADE, 1926 *apud* TURINO, 2005, p. 189).”

¹ Mário de Andrade concebeu a primeira versão de *Macunaíma* em 1926, versão esta que foi reformulada quando da publicação da primeira edição da obra, em 1928. No entanto, a segunda edição da obra publicada em 1931 também passou por modificações. Cabe salientar que as editoras adotam a segunda edição de 1931, e não a primeira de 1928, como referência para publicação.

O texto supra-citado demonstra o projeto andradiano ao escrever *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931]): a formação de uma cultura nacional com caráter próprio. Para compreender este projeto é necessário salientar que os pensamentos herderiano e spengleriano tiveram influência decisiva sobre o autor: apresentado-se de forma sucinta essas influências consistem em provar a existência de uma *raça* tendo como pressuposto de que a língua é a síntese dessa *raça* com o seu meio geográfico e quando a língua dessa *raça* é capaz de produzir diversas manifestações culturais anônimas, isto é, produzir uma literatura oral, é prova cabal da existência dessa *raça*. Dessa forma, o projeto andradiano buscará provar em *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931]) a existência do Brasil a partir do pressuposto de que existe uma *raça*² brasileira, uma cultura brasileira e uma geografia brasileira. Entretanto, para tal apresenta uma infidelidade geográfica em sua obra justamente para não cair em contradição, pois se houvesse uma fidelidade geográfica implicaria em colocar em questionamento de que se existem diversas geografias no Brasil é porque também existiriam várias *raças* brasileiras ao invés de uma única *raça* brasileira. Conforme o autor anota num de seus prefácios inéditos: o povo brasileiro é uma síntese da relação com essa geografia “desgeograficada³”:

“Um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo que conseguia o mérito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea um conceito étnico nacional e geográfico (IBIDEM).”

Mas a possibilidade da formação de uma cultura brasileira com caráter nacional, somente obterá êxito mediante a ruptura com a cultura européia decadente cujo ciclo vital está prestes a terminar. Ao Brasil é dada a possibilidade de vir a formar uma cultura brasileira própria constituindo um ciclo vital brasileiro e de modo a se inserir na História. Por essa razão, a *muiraquitã* dada por Ci a *Macunaíma* representa que da relação dele com Ci na qual torna-se o imperador do mato-virgem, lhe é dada a possibilidade da formação de uma cultura brasileira própria – enfatizando-se novamente: com caráter nacional – em que há uma unidade entre geografia, cultura e *raça* brasileiras. Mas a pedra é perdida e passa para as mãos de um peruano, que enriquecera em São Paulo, o regatão que a tudo ou a todos transforma em mercadoria, Venceslau Pietro Pietra. Recuperar o *muiraquitã* perdido torna-se o objetivo central de *Macunaíma*, e ele e seus irmãos partem para São Paulo:

² Cabe salientar que o pensamento andradiano é de natureza rracica e não racista.

³Termo andradiano.

“No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro para deixar a consciência na ilha de Maratapá⁴. Deixou-a bem na ponta dum mandacaru de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas. Voltou pro lugar onde os manos esperavam e no pino do dia os três rumaram para margem esquerda da Sol (ANDRADE, 1977 [1931], p. 47).”

Sem a consciência, segue rumo à civilização e a cidade perturbará sua inteligência. No momento em que entra na civilização é que Macunaíma passa entrar em choque com os seus valores e os da civilização iniciando, portanto, a sua decadência, a partir das dicotomias básicas de Spengler entre cultura (tradição) X civilização, crescimento e vida x decadência e morte. Há uma oposição forte entre o Mato-Virgem e a cidade em que tudo é máquina, conforme aponta Berriel (1990, p. 167):

“A dicotomia entre o Mato-Virgem orgânico, mágico, e a cidade pétrea, mortificadora (“apenas uma realidade do mundo”), é a bem dizer a verdadeira oposição desta obra. São dois cenários, o primeiro figurado pela Mãe do Mato, e, o segundo pela Máquina. O primeiro, permite que o herói “brinque”; com o segundo, “ninguém brinca porque ela mata”. O primeiro transforma Macunaíma em imperador; o segundo transforma Macunaíma em nada. Essencialmente, coloca-se como virtualidade a dissolução do universo mítico na aventura corrente – a relação Macunaíma *versus* a Cidade/Máquina. A aventura urbana de Macunaíma o seqüestra da mitologia e o dissolve na história.”

Mas ainda que esse choque seja inevitável, Macunaíma conta com o apoio de Vei, a Sol e tem, portanto, a possibilidade de se reorganizar para cumprir a sua missão. Entretanto, quando ele não pode mais contar com o apoio de Vei, a Sol é que esse conflito, iniciado quando Macunaíma entra na civilização, se agrava de tal maneira a tornar-se irreversível. Qual o motivo de esse episódio ser decisivo para que a decadência do herói se torne irreversível? Justamente pelo fato de ele se encantar e *brincar*⁵ com uma portuguesa desobedecendo ao acordo com Vei de casar-se com uma das filhas dela, que são a metaforização das civilizações tropicais. Ao fazer essa escolha Macunaíma rejeita as civilizações tropicais que representam a chance de construir algo novo em detrimento da civilização portuguesa que representa a decadência. Com essa

⁴ Note como o autor subverte essa expressão que era utilizada quando se saía da civilização para entrar para a “não-civilização”, considerada como o local de “bárbaros”. Nesse trecho de *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931], p. 47) acontece justamente o contrário pois Macunaíma e seus irmãos deixam a consciência na ilha de Maratapá quando saem da “não-civilização, isto é, do mito” para entrar na civilização. Dessa forma, há aqui claramente, conforme será apontado adiante, a dicotomia spengleriana entre **cultura (tradição) X civilização** em que esta é considerada responsável por conflitar com os valores daquela.

⁵ Este termo não pode ser tomado na sua literalidade em *Macunaíma* tendo-se em vista que nesta obra há uma nova implicação de sentido para este termo.

escolha Macunaíma além de não poder contar com a proteção de Vei, agora ela é a sua grande inimiga e passará o resto da história tramando a vingança contra ele.

A manifestação da influência das obras do intelectual Prado (1981 [1926]) sobre Andrade (1977 [1931], pp. 83-91) ao escrever o capítulo “Vei, a Sol” que integra *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931]).

Tendo-se em vista que sobre o autor de *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931]) houve influências, além das já citadas, das obras que expressam o pensamento de Prado (1981 [1926]), influência esta comprovada pela dedicatória feita na abertura de *Macunaíma* (ANDRADE, 1977 [1931], p. 6) a este intelectual, far-se-á aqui a apresentação do pensamento desse influente intelectual de cuja boa parte da geração dos modernistas de 1922 é tributária haja vista que era “pertencente à família do café mais importante do país daquele período – a família Prado” (cf. BERRIEL, 1990, p. 175) e foi um dos principais articuladores para a organização da Semana de Arte Moderna de 1922, conforme aponta o próprio Andrade (1974 [1942], p. 236 *apud* BERRIEL, 1990, p. 175-176) na conferência que fez na Casa do Estudante:

“[...] o movimento modernista era nitidamente aristocrático [...] Paulo Prado, ao mesmo tempo que um dos expoentes da aristocracia intelectual paulista, era uma das figuras principais da nossa aristocracia tradicional. Não da aristocracia improvisada do império, mas da outra mais antiga, justificada no trabalho secular da terra [...] E foi por tudo isto que Paulo Prado pôde medir bem o que havia de aventureiro e de exercício de perigo, no movimento, e arriscar a sua responsabilidade intelectual na aventura [...] Paulo Prado, com a sua autoridade intelectual e tradicional, tomou a peito a realização da Semana [de Arte Moderna de 1922], abriu a lista de contribuições e arrastou atrás de si os seus pares aristocratas [...]”

O pensamento desse intelectual será largamente desenvolvido em *Retrato do Brasil* (PRADO, 1981 [1926]) em que vai delinear a mentalidade do brasileiro se preocupando em explicar a sua história sob uma visão fortemente ligada às idéias da geração realista de 1870 em Portugal que tinha como pressuposto de que a cobiça aliada à luxúria teria causado nos portugueses uma degenerescência física e moral que teria vitimado não só a eles, como a sua descendência, e teria provocado o surgimento de uma suposta raça portuguesa “inferior” em relação à raça portuguesa supostamente “heróica” do período heróico de Portugal, a saber: o período dos “descobrimientos”. Fortemente influenciado por essas idéias, na visão de Prado (1981 [1926]), os portugueses

dessa raça inferior portuguesa teriam sido os que vieram para o território brasileiro; com exceção do território de São Paulo⁶ que teria sido colonizado pela suposta raça *heróica* de portugueses; que teriam vindo para o Brasil – Colônia com o intuito não apenas de se enriquecerem, mas de buscarem o prazer sensual num país cujas fronteiras morais não eram bem definidas, tendo-se em vista que “corria na Europa a crença de que aquém da linha do Equador não há nenhum pecado: *Ultra aequinoxialen non peccari.*” (PRADO, 1981 [1926] *apud* HOLANDA, 2008 [1936], p. 198). À solidão e liberdade do colono, teriam se juntado o “sensualismo exacerbado” das índias e a sujeição das negras escravizadas, à mercê do erotismo de seus senhores, e, desse consórcio, teria resultado a mestiçagem do povo brasileiro. Assim o comportamento das *raças* que supostamente viriam a formar o povo brasileiro também teria sido influenciado pelo abuso da luxúria que aliada à cobiça e ao excesso de liberdade haveria provocado o surgimento de uma “raça triste” – o povo brasileiro:

“Dominavam-no [ao colonizador] dois sentimentos tirânicos: sensualismo e paixão do ouro. A história do Brasil é o desenvolvimento desordenado dessas obsessões subjugando o espírito e o corpo das vítimas (PRADO, 1981 [1926], p. 90).”

A relação entre o capítulo “Vei, a Sol” (ANDRADE, 1977 [1931], pp. 83-91) e o desfecho – capítulo “Ursa Maior” (ANDRADE, 1977 [1931], pp. 205-217).

Dessa forma, Macunaíma cometeu um grande equívoco pois fez a escolha justamente da raça portuguesa degenerada e corrompida pela ambição do ouro. Agora Macunaíma sela o seu caminho irreversível e definitivo à decadência. Veja-se um trecho do capítulo final – Capítulo XVII “URSA MAIOR”:

“A lagoa estava toda coberta de ouro e prata e descobriu o rosto de uma cunhã lindíssima, alvinha e padeceu de mais vontade. E a cunhã lindíssima era a Uiara. Vinha chegando assim como quem não quer, com muitas danças, piscava pro herói (...) De uma vontade no herói tão imensa que alargou o corpo dele e a boca umideceu (grafia do autor):

– Mani!...

Macunaíma queria a dona. Botava o dedão n’água e num átimo a lagoa tornava a cobrir o rosto com as teias de ouro e prata. Macunaíma sentia o frio da água, retirava o dedão.

Foi assim muitas vezes. Se aproximava (sic) o pino do dia e Vei estava zangadíssima Torcia para Macunaíma cair nos braços traiçoeiros da moça do lagoão e o herói tinha

⁶ Nota-se que há um esforço em Prado (1981 [1926]) em provar uma *suposta superioridade da raça paulista sobre as demais raças que formam a raça brasileira.*

medo do frio. Vei sabia que a moça não era moça não, era a Uiara. E a Uiara vinha chegando outra vez com muitas danças. Que boniteza ela era! [...] Sol teve raiva. Pegou num rabo-de-tatu de calorão e guascou o lombo do herói. A dona ali, diz que mostrando a graça fechando os olhos molenga. Macunaíma sentiu fogo no espinhaço, estremeceu, fez pontaria, se jogou feito em cima dela, juque! Vei chorou de vitória. As lágrimas caíram na lagoa num chuveiro de ouro e de ouro. Era o pino do dia (ANDRADE, 1977 [1931], pp. 212-213).”

Veja o comentário de Andrade (1943, p. 1 *apud* BERRIEL, 1990, pp. 156-157) sobre esta passagem:

“Um dos elementos sorridentemente amargos da alegoria é o custo, a hesitação de Macunaíma, quando deseja se jogar nos braços da Uiara enganosa, com que Vei, a Sol, pretende matá-lo. Estou me referindo à imagem da água estar fria, forçadamente fria naquele clima de Uraricoera e naquela alta hora do dia. A água destrança as suas ondinhas de ‘ouro e prata’ (alusão à cantiga-de-roda ibérica da Senhora-Dona-Sancha) e aparece a Uiara falsa. Macunaíma sente um desejo enorme de ir brincar com ela (...) Mas Poe o dedão do pé e tem medo do frio, isto é, se arreceia de uma civilização, de uma cultura de clima moderado europeu.”

Nota-se que “como nas tragédias gregas, a queda de Macunaíma será representada também pelo avanço progressivo da escuridão, do pino do dia até a noite completa (BERRIEL, 1990, p. 157)” e, por essa razão, num primeiro momento Macunaíma escapa da armadilha conforme aponta Andrade (1943, p. 1 *apud* BERRIEL, 1990, pp. 156-157). É qual o motivo disso? Por que Macunaíma não é iludido pelo elemento mitológico – a Uiara. No entanto, Vei eu planejar a sua vingança contra Macunaíma, sabia que ele somente seria iludido e atraído para a armadilha com instrumentos como o ouro, a prata e a sensualidade pois quando ele rejeitou as suas filhas ao escolher uma portuguesa ele passou por uma degenerescência moral adquirindo os *valores* que transformaram os portugueses de uma raça heróica para uma raça inferior, a saber: o abuso da cobiça aliada à luxúria. De fato, Macunaíma ficou atraído pela “*lagoa toda coberta de ouro e prata*”, pelas “*muitas danças*” em que a moça “*piscava pro herói*” e pela “a água que destrança as suas ondinhas de ‘ouro e prata’ (alusão à cantiga-de-roda ibérica da Senhora-Dona-Sancha)” (ANDRADE, 1943, p. 1 *apud* BERRIEL, 1990, pp. 156-157). Nota-se a presença do ouro e da prata, da forte sensualidade da dança na qual “a dona mostrava a graça” (ANDRADE, 1977 [1931], p. 213), e marcantemente a dança que seduz Macunaíma é ibérica, donde vem a cultura portuguesa.

Outro aspecto interessante em se destacar é o fato de que Macunaíma passa de uma degenerescência moral a qual é responsável por atraí-lo à armadilha da Vei para uma degenerescência física pois “quando Macunaíma voltou na praia se percebia que brigara muito lá no fundo(...) Estava sangrando com mordidas pelo corpo todo, sem perna direita, sem os dedões.” (ANDRADE, 1977 [1931], p.

213). Mas a pior de todas as perdas foi a muiraquitã que, conforme já apontado, é a síntese entre geografia, cultura e raça brasileiras; essa muiraquitã é o motivo da sua existência, sem ela Macunaíma não consegue mais se organizar. O ápice de sua decadência é marcante na passagem em que Macunaíma diz: “NÃO VIM NO (sic) MUNDO PARA SER PEDRA (ANDRADE, 1977 [1931], p. 215)” em que a transformação em pedra significa a morte pela civilização (cf. BERRIEL, 1990, p. 159). Macunaíma vai morar no campo vasto do céu e se transforma na constelação da Ursa Maior. Ao concluir o livro, o autor diz em carta a Álvaro Lins :

“Pouco importa, si (grafia do autor) muito sorri escrevendo certas páginas do livro: importa mais, pelo menos para mim mesmo lembrar que quando o herói desiste dos combates da terra e resolve ir viver “o brilho inútil das estrelas”, eu chorei. Tudo nos capítulos finais foi escrito numa comoção enorme, numa tristeza, por várias vezes senti os olhos umedecidos (grafia do autor), porque eu não queria que fosse assim! E até hoje (é o livro meu que nunca pego, não porque ache ruim, mas porque detesto sentimentalmente ele), as duas ou três vezes que reli o final, a mesma comoção, a mesma tristeza, o mesmo desejo amoroso de que não fosse assim me convulsionaram (ANDRADE, 1968 [1942], pp. 43-44).”

Considerações Finais.

Apesar de Macunaíma não ter conseguido completar a missão de formar uma cultura brasileira com caráter nacional, uma vez que os seus valores foram corrompidos primeiramente pela civilização e depois de forma definitiva e irreversivelmente por ter escolhido a raça inferior portuguesa em detrimento das civilizações tropicais metaforicamente representadas pelas três filhas de Vei, a Sol; ele se torna a constelação da Ursa Maior, isto é, comporá a tradição brasileira. Andrade (s/d, p. 217 *apud* BERRIEL, 1990, p. 160) explica a Manuel Bandeira o porquê de ser justamente a constelação da Ursa Maior a que Macunaíma se transformou (cf. BERRIEL, 1990, p. 160): “se vê de todo o nosso céu, não se vê? Eu a enxergo do Amazonas a São Paulo.” Mário de Andrade com essa metáfora [da transformação de Macunaíma na constelação da Ursa Maior] deixa, no final do livro, a possibilidade de se resgatar o projeto não – concluído de Macunaíma de construção de uma cultura brasileira independente, com caráter nacional toda vez que se olha para o céu, metáfora para a tradição. Dessa forma, a partir da tradição brasileira, que poderá ser resgatada e transmitida; tradição esta da qual faz parte Macunaíma, é deixada a possibilidade de conclusão desse projeto.

Referências Bibliográficas:

- ANDRADE, M. de (s/d). *Cartas a Manuel Bandeira*. Ediouro, Rio de Janeiro, p. 217. Apud BERRIEL, C. E. O. (1990). “A Uiara enganosa”. In: _____ . (org.) (1990). *Mário de Andrade hoje*. Ed. Ensaio, São Paulo, p. 160.
- _____. (1926). “Prefácio para Macunaíma.” Apud TURINO, C. (2005). *Na trilha de Macunaíma – ócio e trabalho na cidade*. SESC, São Paulo, p. 189.
- _____. (1977 [1931]). *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Ed. Martins Fontes, São Paulo.
- _____. (1978 [1931]). *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica / LOPEZ, T. A. (coord.) Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira, Rio de Janeiro.
- _____. (1988 [1931]). *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica / LOPEZ, T. A. (coord.). Coleção Arquivos, Brasília.
- _____. (1968 [1942]) *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu Meyer e outros*. FERNANDES, L. (Org.) (1968). Ed. do Autor, Rio de Janeiro, pp. 43-44.
- _____. (1974 [1942]). “O Movimento Modernista”. In: _____ . (1974). *Aspectos da Literatura Brasileira*. Ed. Martins Fontes, São Paulo, p. 236 et seqs. Apud BERRIEL, C. E. O. (1990). “A Uiara enganosa”. In: _____ . (org.) (1990). *Mário de Andrade hoje*. Ed. Ensaio, São Paulo, pp. 175-176.
- _____. (1943). *Mensagem (quinzenário de literatura e de Arte)*, 2 (26), Belo Horizonte, p. 1. apud BERRIEL, C. E. O. (1990). “A Uiara enganosa”. In: _____ . (org.) (1990). *Mário de Andrade hoje*. Ed. Ensaio, São Paulo, pp. 156-157.
- BERRIEL, C. E. O. (1990). “A Uiara enganosa”. In: _____ . (org.) (1990). *Mário de Andrade hoje*. Ed. Ensaio, São Paulo, pp. 133-177.
- HOLANDA, S. B. de (2008 [1936]). *Raízes do Brasil*. Cia. das Letras, São Paulo, p. 198.
- PRADO, P. (1981 [1926]). *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. INL, Brasília, p. 90.
- SOUZA, E. M. de (1999). *A Pedra Mágica do Discurso*. Ed. UFMG, Belo Horizonte.